

Marcos Breda, Camila Pitanga e CARAVANA PRODUÇÕES apresentam

ARLEQUIM

Servidor de Dois Patrões

de Carlo Goldoni

tradução Millôr Fernandes

direção Luiz Arthur Nunes

Anderson Müller Camila Pitanga Carol Machado
Carolyna Aguiar Ernani Moraes Guilherme Piva
Leonardo Vieira Marcos Breda e Mario Borges

Dramaturgismo e texto cênico **Beti Rabetti**

Cenografia **Rosa Magalhães** . Figurinos **Coca Serpa**

Música Original **João Carlos Assis Brasil**

Visagismo **Mona Magalhães** . Iluminação **Luiz Paulo Nenen**

Preparação Corporal **Rossella Terranova**

Direção de Produção **Maria Helena Alvarez**

6 de dezembro a 10 de fevereiro

estréia 6 de dezembro 21h

TEATRO MAISON DE FRANCE

A impagável história de *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, referência obrigatória na preservação da tradição secular da *commedia dell'arte* italiana, está de volta aos palcos cariocas, numa produção associada dos atores **Camila Pitanga** e **Marcos Breda** com a produtora teatral **Maria Helena Alvarez**, da CARAVANA PRODUÇÕES. Com o próprio **Breda** vivendo o picaresco e trapalhão personagem-título, **Camila** no papel da audaz e apaixonada *Beatriz Rasponi*, **Ernani Moraes** como o peripatético *Pantaleão Bisognoso*, **Mario Borges** como o conspícuo *Doutor Lombardi*, **Leonardo Vieira**, **Carolyna Aguiar** e **Guilherme Piva** transbordando candura e lágrimas nas peles melodramáticas dos Enamorados *Sílvio Lascivo Trecuglioni*, *Clarice Bisognoso* e *Florindo Aretusi*, **Anderson Müller** como o dissimulado e buliçoso albergueiro *Briguela Cavicchio*, e **Carol Machado** encarnando uma eutrapélica *Esmeraldina*, o espetáculo, dirigido por **Luiz Arthur Nunes**, desembarca no Rio no próximo dia 6 de dezembro para dois meses de temporada no recém-reformado Teatro Maison de France, no centro da cidade, depois de uma maratona de três meses de ensaios e com o aval das platéias de quatro cidades e seis capitais entre Centro, Sul e Sudeste do país¹.

Uma arte do ator por excelência

Marco da dramaturgia cômica italiana, *Il Servitore de Due Patroni*, de 1745, pertence a um conjunto de peças escritas pelo veneziano **Carlo Goldoni** que cumpriu a dupla função de preservar e, ao mesmo tempo, renovar a *commedia dell'arte*, gênero de teatro popular surgido no século XVI e transmitido por tradição oral de geração em geração. Apreciada pelo povo e pela nobreza, praticada por trupes mambembes tanto em praças públicas quanto em castelos, a *commedia dell'arte* era uma arte do ator por excelência, com tramas rocambolescas e rudimentares a serviço de um jogo cênico em que o histrionismo, a habilidade corporal e a capacidade de improviso tinham papel preponderante. E desfiava uma galeria de tipos, dividida em dois grupos básicos: os personagens sérios (ou Enamorados), jovens apaixonados que, no mais das vezes, viam-se diante de poderosos obstáculos para realizar sua paixão; e os personagens cômicos, descendentes diretos da antiga tradição da bufonaria medieval, com seus tipos recorrentes como o *Pantaleão*, o *Doutor*, o próprio *Arlequim*, etc. Gravitando entre o ridículo e o grotesco, estes personagens portavam máscaras rígidas que, ao longo dos séculos, preservaram características fisionômicas específicas.

Em decadência há quase um século, a *commedia dell'arte* vinha se vulgarizando e descambando para a escatologia quando, em meados do século XVIII, Goldoni empreendeu sua reforma, devolvendo a dignidade e emprestando consistência dramática ao gênero popular, a que agregou, ainda, traços de um fenômeno recente na escritura teatral italiana: o melodrama, que passa a ditar o tom das falas dos Enamorados.

¹ *Arlequim, Servidor de Dois Patrões* fez sua estréia nacional em 26 de julho no Theatro São Pedro (Porto Alegre), excursionando em seguida pelo interior do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas e Erechim), e ainda Goiânia, Curitiba, Cuiabá, Campo Grande e Belo Horizonte, em um total de 30 apresentações.

Fidelidade sem arqueologia

Sem pretender fazer de sua montagem um empreendimento arqueológico, o diretor gaúcho **Luiz Arthur Nunes** investe no “jogo atoral, com seu alto grau de qualidade lúdica”, essência da *commedia dell'arte*, para erguer sua arquitetura cênica. Mas busca uma transposição endógena, impregnada do temperamento do ator brasileiro.

Afiado por três meses de ensaios e pelo transcurso de 30 apresentações, o elenco empreendeu um mergulho teórico e prático no universo da *commedia dell'Arte*, sob a orientação de duas especialistas no teatro cômico popular: a dramaturgista **Beti Rabetti**, titular do Departamento de Teoria do Teatro da UniRio desde 1986, que municiou os atores do fundamento teórico necessário; e a atriz e professora **Tiche Vianna**, que ministrou duas oficinas práticas sobre a utilização das máscaras, do corpo e da voz na construção dos personagens-tipo. A intensa fisicalidade exigida, principalmente pelos personagens cômicos, também foi exaustivamente trabalhada com os atores por uma *expert* no assunto: a preparadora corporal **Rossella Terranova**.

Para enriquecer ainda mais o processo de preparação do elenco, a produção articulou ainda uma aula magna com o ator **Ferruccio Soleri** – o *Arlecchino* do Piccolo Teatro di Milano, desde 1963 – e trouxe da Itália uma das maiores autoridades no gênero: **Roberto Tessari**, professor de História do Teatro e de Dramaturgia da Università di Torino e da Escola de Teatro dirigida na Itália por Luca Ronconi.

O espetáculo que sobe ao palco do Maison de France no início de dezembro condensa em duas horas e dois atos o texto de Goldoni, construído originalmente em três atos, com três horas de duração. A partir da tradução de Millôr Fernandes, a dramaturgista Beti Rabetti e o diretor Luiz Arthur Nunes promoveram cortes cirúrgicos que, ao deixar de fora alusões datadas e pequenas gorduras, conferem mais agilidade à encenação.

Os atores-produtores

Segundo papel teatral de **Marcos Breda** depois do cumprimento da Bolsa Virtuouse – que, conferida em 1999 pelo MinC, lhe valeu seis meses de estudos entre 2000 e 2001 na École Philippe Gaulier, em Londres, onde, entre outras técnicas de atuação, estudou máscara neutra, bufonaria, melodrama, *commedia dell'arte* e *clown* –, *Arlequim Battochio* é um desafio a que o ator escolheu se submeter. Breda, que pratica capoeira desde 1985 e a adotou como tema de sua tese de Mestrado em Teatro na UniRio (“A Capoeira na Preparação do Ator”), procurava um personagem que lhe permitisse colocar em cena o vasto repertório de recursos corporais e interpretativos adquirido em mais de vinte anos de carreira. Indicado por Luiz Arthur Nunes, que o dirigiu em *O Homem e A Mancha* (1997), de Caio Fernando Abreu, primeiro espetáculo produzido pelo ator, o *Arlequim*, de Goldoni, saiu melhor que a encomenda. Definido pelos especialistas como “uma mente lenta em um corpo rápido”, *Arlequim Batochio* é um pobre diabo, que, dotado de alguma sorte e nenhum juízo, recorre a toda a espécie de estratégias para atender a dois patrões, sem que nenhum suspeite da existência do outro. O corre-corre exige do ator um *tour-de-force* físico e uma inteligência cênica respeitáveis.

Arlequim... marca também a estréia como produtora e o retorno aos palcos, depois de dois anos de ausência, de Camila Pitanga. A atriz, que debutou na telinha aos 17 anos, na minissérie *Sex Appeal*, e hoje cursa o 11º período de Teoria Teatral da UniRio, encontrou na Enamorada *Beatriz Rasponi*, a jovem turinense que se traveste de homem para receber a herança do irmão morto e reencontrar seu amado, e na possibilidade de incursionar pela tradição da *commedia dell'arte*, uma oportunidade rara de crescimento profissional. A ponto de encarar sua participação no espetáculo como uma espécie de rito de reiniciação na arte teatral.

Sinfonia Coral

Concebido como uma “sinfonia coral”, como bem define o diretor Luiz Arthur Nunes, **ARLEQUIM...** é, no entanto, uma obra onde os diálogos são distribuídos de forma admiravelmente equânime entre os nove personagens. Estruturada sobre uma sucessão vertiginosa de cenas curtas, que impõem um ritmo necessariamente frenético à encenação, trata-se de uma daquelas peças que só “funcionam” se o elenco estiver 100% afinado, atuando no mesmo diapasão e no mesmo tempo cênico.

A esta peculiaridade talvez se deva a generosidade com que a equipe de colaboradores do espetáculo desenvolveu o seu trabalho, optando por soluções simples, que não interferissem demais no jogo de cena.

O iluminador **Luiz Paulo Nenen** projetou uma luz de poucos movimentos, que basicamente costura entradas e saídas, além de sublinhar, aqui e ali, a emotividade passional dos Enamorados.

Com um pé na tradição e, outro, na modernidade, a cenógrafa **Rosa Magalhães** incorpora três elementos recorrentes nas encenações originais da *commedia dell'arte*: o tablado, para delimitar o espaço em que se dá a ação cênica; as coxias aparentes, deixando à vista do público os atores que não estão em cena; e as cortinas de fundo, que referenciam (e diferenciam) as diversas “locações” previstas no texto. Mas recorre à tecnologia digital para reprocessar e imprimir, sobre imensas plotagens, as imagens criadas para recobrir o piso e ambientar as cenas (cortinas e ciclorama de fundo).

Dentro desse mesmo espírito, a música original de **João Carlos Assis Brasil** busca inspiração na produção musical do século XVIII para (re)construir, para flauta transversa e sintetizador Korg, uma “suíte antiga” em que se ouvem temas líricos e danças típicas da época (como a Bournée, a Badinerie, a Gija, a Sarabanda e o Minueto), e onde o sintetizador faz as vezes de uma orquestra de câmara, reproduzindo o som de violinos, violoncelos, harpa, cravo e outros instrumentos utilizados na época.

A figurinista **Coca Serpa** procura respeitar parâmetros básicos que caracterizavam os chamados personagens-tipo na *commedia dell'arte* tradicional – como o vermelho para o *Pantaleão*, o negro para o *Doutor* e retalhos para o *Arlequim* – e trabalha com lã e tecidos rústicos.

A visagista **Mona Magalhães** faz uma primorosa recriação de uma das marcas registradas da *commedia dell'arte*: as máscaras rígidas que tradicionalmente emolduram o rosto dos personagens cômicos. A partir do conceito de máscara viva, ela promove a fusão dos traços fisionômicos que caracterizavam os chamados personagens-tipo com as feições e compleições faciais (incluindo a estrutura óssea) de cada ator, esculpindo próteses de látex (narizes) sobre reproduções em gesso dos rostos dos atores, e aplicando, em alguns personagens, barbas e bigodes postiços; completam a composição, efeitos de luz e sombra. Para os chamados personagens sérios (os Enamorados), Mona resgatou uma curiosa prática utilizada pela sociedade européia oitocentista em bailes e grandes acontecimentos sociais: a inscrição de pequenas silhuetas iconográficas que, a depender da posição em que eram aplicadas no rosto, indicavam se a criatura estava disponível, apaixonada, se desejava um beijo etc.

De outros Arlequins

A fábula ingênua e divertida do criado que se vale dos mais desastrados expedientes para servir a dois empregadores ao mesmo tempo teve pelo menos uma montagem antológica no país: em 1951, no Rio de Janeiro, pelo Teatro dos Doze, com direção do italiano Ruggero Jaccobi, e Sérgio Cardoso no papel-título. Em 1971, José Renato dirigiria, também no Rio, uma montagem mais comercial, que tinha como trunfos os nomes de Millôr Fernandes (tradução), Gianni Ratto (cenografia) e Grande Othelo na pele do protagonista. De lá para cá, merecem menção a encenação do grupo Galpão em meados dos anos 80, que não chegou a ultrapassar as fronteiras de Minas Gerais, e, naturalmente, as três vindas do Piccolo Teatro di Milano² (a mais recente delas, em junho último), com diferentes versões da histórica montagem de Giorgio Strehler – em repertório, não por acaso, desde 1948.

Sinopse

Clarice, "digníssima filha" de Pantaleão Bisognoso, comerciante de Veneza, e Sílvio, "digno filhíssimo do conspícuo Doutor Lombardi" estão radiantes de felicidade. Com a notícia do assassinato de Frederico Rasponi, Clarice livrou-se finalmente do casamento de conveniência com o jovem comerciante de Turim, e os dois pombinhos não tardam a formalizar o noivado. Mas, mal realizam o desponsório, e eis que um certo Arlequim Batocchio adentra o recinto para anunciar a chegada de seu patrão... (imaginem!) Frederico Rasponi. Entre as duas palavras empenhadas, Pantaleão fica com a primeira, cedendo de novo a mão da filha a seus interesses comerciais. E um deus-nos-acuda se instala no seio das famílias Bisognoso e Lombardi. Só o hospedeiro Briguela, compadre de Pantaleão e testemunha do noivado, sabe, mas o recém-chegado é, em verdade, Beatriz, irmã de Frederico. Transtornada de paixão por Florindo Aretusi, o suposto assassino de seu irmão, ela segue para Veneza disposta a receber o dote destinado ao irmão para ajudar o seu amado, que "temendo a justiça escapou pelo mundo sem sequer se despedir". Ela não sabe, mas Florindo fugiu justamente para... Veneza! E os dois acham de se alojar, ora bolas, na mesma hospedaria. Sem imaginar a embrulhada em que está se metendo, Arlequim, sempre famélico, dá um jeito de servir os dois ao mesmo tempo, e, dessa forma, receber comida e salário dobrados. Mas, na ânsia de manter os dois empregos, não revela a um nem a outro a dupla a jornada. E assim, as trapalhadas de Arlequim vão se sucedendo e estabelecem uma tamanha confusão que, por pouco, não levam ao suicídio os dois casais de Enamorados. Mas, como "as desgraças costumam ser mesmo desgraçadas", e a commedia dell'arte, ao contrário, foi feita para dar risada, tudo termina bem, com Pantaleão e Doutor Lombardi de bem e os casais a se chamar outra vez de meu bem.

Quem é quem

Marcos Breda é.....Arlequim Batocchio
Camila Pitanga é.....Beatriz Rasponi
Ernani Moraes é.....Pantaleão Bisognoso
Carolyna Aguiar é.....Clarice Bisognoso
Leonardo Vieira é.....Sílvio Lascivo Trecuglioni
Mario Borges éDoutor Lombardi
Guilherme Piva é.....Florindo Aretusi
Anderson Müller é.....Briguela Cavicchio
Carol Machado é.....Esmeraldina

